

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ-CCCO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

"Nem tudo são flores":(des)construção e resistência de gênero no currículo do enredo de uma quadrilha junina



Marcilene da Silva Lima Souza

Orientador: Prof. Dr. Danilo Araújo de Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ-CCCO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARCILENE DA SILVA LIMA SOUZA

**“NEM TUDO SÃO FLORES”: (DES)CONSTRUÇÃO E RESISTÊNCIA DE GÊNERO
NO CURRÍCULO DO ENREDO DE UMA QUADRILHA JUNINA**

Codó-MA

2024

MARCILENE DA SILVA LIMA SOUZA

**“NEM TUDO SÃO FLORES”: (DES)CONSTRUÇÃO E RESISTÊNCIA DE GÊNERO
NO CURRÍCULO DO ENREDO DE UMA QUADRILHA JUNINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão – Campus
VII Codó, como requisito final para obtenção
do título Licenciada em Pedagogia

Orientador: Prof. Dr. Danilo Araújo de
Oliveira

Codó (MA)

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Silva Lima Souza, Marcilene.

"Nem tudo são flores" : desconstrução e resistência de gênero no currículo do enredo de uma quadrilha junina / Marcilene da Silva Lima Souza. - 2024.

36 p.

Orientador(a): Danilo Araújo de Oliveira.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Codó-ma, 2024.

1. Currículo. 2. Gênero. 3. Cultura. 4. Quadrilha Junina. 5. . I. Araújo de Oliveira, Danilo. II. Título.

MARCILENE DA SILVA LIMA SOUZA

**NEM TUDO SÃO FLORES: (DES)CONSTRUÇÃO E RESISTÊNCIA DE GÊNERO
NO CURRÍCULO DO ENREDO DE UMA QUADRILHA JUNINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – Campus VII Codó, como requisito final para obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Danilo Araújo de Oliveira (UFMA- Campus
VII) Orientador

Professor (a)

Professor (a)

Codó–MA

2024

AGRADECIMENTOS

Quero primeiramente agradecer a Deus por ser minha fortaleza silenciosa nas longas noites de estudos e por me encorajar em cada desafio ao longo do trajeto dessa caminhada.

Aos meus pais, Antônio e Maria Do Carmo, que em todos os momentos, estiveram do meu lado nessa caminhada, em especial a minha mãe, por ser a minha fortaleza.

Agradeço em especial à minha avó, uma mulher guerreira que lutou incansavelmente para poder me educar e me transformar na mulher que sou hoje, dedicou toda a sua vida para garantir o direito à educação aos seus netos.

Aos meus filhos, Marília, Antonio Vagner e Elias, que são os meus corações que o senhor me concedeu e me fez conhecer o imenso amor materno, que me fortalece e encoraja para lutar por eles todos os dias da minha vida.

Ao meu esposo, Antônio Filho, parceiro de todas as horas, cuja paciência e compreensão foram o meu ponto seguro para os momentos mais difíceis da minha jornada acadêmica, por segurar as pontas em casa todas às vezes que tive que ganhar o mundo acadêmico, gratidão.

Aos meus irmãos e minhas irmãs, Marcos, Lucilene, Marcia, Francisco, Antônio Santos, que em todos os momentos de minha ausência dedicado aos estudos, foram

Compreensíveis e resilientes em entender que estava construído o meu futuro, sou muita agradecida pela força e carinho de todos vocês.

A minha comadre e prima Vanessa, que sempre me deu muita força, incentivo e conselhos para não desistir do curso de Pedagogia e dos meus sonhos, só tenho gratidão a ela.

A minha comadre e amiga, Leia, quero agradecer a força e encorajamento na minha caminhada acadêmica, se não fosse você não estaria na universidade e nem muito mesmo realizado um sonho, a sua amizade sempre estará comigo.

A prima, Elinete, pessoa extremamente incrível, quero agradecer por todos os diálogos e ensinamentos, seja ele acadêmico ou pessoal, pelos momentos de alegrias depois de um dia cansativo de estudo e pesquisa e escrita do trabalho de conclusão de curso.

A amiga, Jacielma, quero agradecer por todas as conversas, sorrisos e força que ela tem compartilhado comigo, pela, milhares de vezes que me proporcionou carona para chegar até a UFMA, minha gratidão amiga.

Ao meu grupo de trabalho acadêmico, grupo top das galáxias, Karol, João e Sammia, agradeço por cada compartilhamento de conhecimentos e aprendizagem, posso dizer que aprendi muito com cada um de vocês, minha eterna gratidão.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Danilo Araujo de Oliveira, por sua imensa paciência em me orientar com tanta excelência, por acreditar no meu potencial e por fazer parte da minha construção de conhecimento ao longo da minha vida acadêmica.

Ao Grupo de Pesquisa Sobre Questões e Políticas de Currículo, Sammia, Anna Lina e Joerlison pelas contribuições e discussões na construção deste trabalho.

A todos os professores/as da educação básica que contribuíram para a minha formação com mulher cidadão, e especial o meu professor Antônio, por apostar em meu potencial de estudante e em plantar uma semente que hoje posso colher frutos, gratidão.

A todos os meus professores/as da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciência de Códó - CCCO, Curso de Licenciatura em Pedagogia, agradeço por todos os ensinamentos e aprendizados, cada contribuição foi de grande importância na minha formação acadêmica e pessoal, gratidão. Em especial, ao professor Dr. Joelson Moraes e Lucinete Vilanova por comporem a banca de avaliação deste trabalho e por suas valiosas contribuições.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO - A MIRAR O BALÃO NO CÉU.....	07
2. CONTEXTUALIZAÇÃO: AS FESTAS JUNINAS E AS QUADRILHAS JUNINAS	09
2.1 A Junina Asa Branca do Sertão	12
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
3.1 Olha a pedagogia e o currículo na Junina Asa Branca do Sertão! Não é mentira.....	14
3.2 Olha o gênero na Junina Asa Branca!.....	16
4. METODOLOGIA.....	17
4.1 Procedimentos Metodológicos.....	19
5. O ENREDO COM ARTEFATO CULTURAL QUE ENSINA	22
4.1 Amor que dói: violência doméstica em cena.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35



“NEM TUDO SÃO FLORES”: (DES)CONSTRUÇÃO E RESISTÊNCIA DE GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENREDO DE UMA QUADRILHA JUNINA

MARCILENE DA SILVA LIMA SOUZA

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o currículo do enredo *Nem tudo são flores* da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão, uma quadrilha junina da cidade de Codó, Maranhão. Como iremos mostrar na sequência, as quadrilhas juninas constituem-se como parte do imaginário e cultura do Nordeste. Tornando-se responsável pela inserção, difusão e propagação de diferentes temáticas na sociedade, ao se apresentar com seus ornamentos e músicas todos os anos no Nordeste e outros estados brasileiros. Para isso, utilizamos os aportes teóricos e metodológicos das teorias pós-críticas de currículo. Desse modo, o referido enredo é entendido aqui como um currículo cultural não escolar. O argumento desenvolvido aqui é o de que o currículo investigado apresenta saberes como o gênero é produzido na sociedade; ensina-se, pois, quais procedimentos, ferramentas, mecanismos e artifícios generificados são mobilizados para atribuir lugares, posições e comportamentos específicos às mulheres e aos homens. Ao visibilizar isso, associando à determinadas músicas ensina-se às mulheres a resistirem e se aliançar a outras para criar outros mundos possíveis. Além disso, são disparadas temáticas e assuntos importantes no que se refere ao gênero como hierarquização de gênero no trabalho e violência doméstica. Oportunizando, assim, debates e problematizações.

Palavras-chave: currículo; gênero; cultura; quadrilha junina.

1. INTRODUÇÃO – A MIRAR O BALÃO NO CÉU

Olha pro céu, meu amor

Vê como ele está lindo

Olha pra aquele balão multicolor

Como no céu vai sumindo

(Luiz Gonzaga)

Quando a sanfona começa a tocar essa clássica música do Luís Gonzaga, parece inevitável não nos imaginarmos em um arraiaá de festa junina. A letra pode nos transportar para uma noite de São João ao descrever poeticamente vários dos elementos que podem ser encontrados nela. O balão multicolorido é centralizado como elemento representativo da cultura policromática do Nordeste fazendo despertar emoções e sentimentos que incendeiam o coração, como bem descreve o famoso sanfoneiro nordestino. O que seria do Nordeste e das

festas juninas sem Luís Gonzaga, o Rei do Baião? De quantos elementos se faz essa cultura? O que essa cultura faz com a gente?

Foi tentando mirar esse balão, como demanda o mestre Gonzaga no seu imperativo musical, para nos fazer olhar a beleza desse objeto que ia sumindo no céu, que fomos fazendo conexões, buscas, investigações para pensar o campo Educacional e Curricular a partir de elementos da Festa Junina. Fazendo assim bailar o pensamento e expandir os modos como temos pensado sobre pedagogias e currículos no presente.

Buscamos, nesse processo, não perder de vista, como alguém pode perder o balão que sobe no infinito, “a nordestinidade como uma invenção e não como uma essência a ser identificada com o/o nordestino/a” (Cunha, 2011, p. 18). Não tomamos, portanto, os elementos visibilizados nas análises aqui empreendidas como naturais ou dadas, mas construídos na/com a história. Por isso, trazemos um breve aspecto histórico da constituição das festas juninas no Brasil. Ao mesmo tempo que entendemos que as festas juninas e todo seu aparato artístico fazem parte da invenção do que chamamos Nordeste elas são, também, pedagógicas, pois ao disparar certos signos educam os/as nordestinos/as e demais povos, demandando que eles sejam de certos tipos e divulgando saberes acerca das coisas do mundo.

Coadunamos, pois, com a compreensão do autor Cunha (2011, p. 15) ao afirmar que é necessário que os/as educadores/as possam articular o educacional, “o social, o histórico e o psicológico, que tratem da conexão entre aprendizagens e modos de ser sujeito, que não subestimem os liames entre processos de subjetivação e as variadas instâncias do pedagógico”.

Nesse sentido, a investigação aqui apresentada incide sobre um dos enredos da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão, uma quadrilha junina da cidade de Codó, Maranhão. Como iremos mostrar na sequência, as quadrilhas juninas constituem-se como parte do imaginário e cultura do Nordeste. Tornando-se responsável pela inserção, difusão e propagação de diferentes temáticas na sociedade, ao se apresentar com seus ornamentos e músicas todos os anos no Nordeste e outros estados brasileiros.

Quando uma pedagoga e um pedagogo se propõem a realizar conexões entre esse elemento cultural, pedagogia e currículo, estranhamentos podem surgir. Afinal, a noção de pedagogia e currículo ainda parecem circunscrever aos espaços formalmente institucionalizados como educativos. Nesse sentido, torna-se difícil ver pedagogia e currículo quando não vinculados às escolas, às grades de disciplinas e ao ensino feito apenas por professores, ou alguém que esteja momentaneamente encarregado de passar algum

conhecimento a outro/a. Mas aqui o nosso investimento é mesmo nos aliançarmos a um conjunto de pesquisadores/as que têm mostrado que onde há pedagogia, há currículo e que eles estão em diferentes esferas e artefatos da sociedade contemporânea e não podem ser desconhecidos do campo educacional (Oliveira, Frangella, 2022; Paraíso, 2010). Associada/o a essa compreensão mobilizaremos gênero como categoria útil de análise histórica (Scott, 1995), para, pois, compreender os efeitos do funcionamento do currículo do enredo da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão no que refere ao ensino sobre como nós produzimos homens e mulheres na sociedade.

Desse modo, o enredo *nem tudo são flores* é entendido aqui como um currículo. Isso é possível considerando as fraturas, expansões e criação do campo curricular associados às teorias pós-críticas e Estudos Culturais, com suas instigantes formas de problematização. O argumento desenvolvido aqui é o de que o currículo do enredo *nem tudo são flores* da Junina Asa Branca do Sertão apresenta saberes como o gênero é produzido na sociedade; ensina-se, pois, quais procedimentos, ferramentas, mecanismos e artifícios generificados são mobilizados para atribuir lugares, posições e comportamentos específicos às mulheres e aos homens. Ao visibilizar isso, associando à determinadas músicas ensina-se às mulheres a resistirem e se aliançar a outras para criar outros mundos possíveis. Além disso, são disparadas temáticas e assuntos importantes no que se refere ao gênero como hierarquização de gênero no trabalho e violência doméstica. Oportunizando, assim, debates e problematizações.

Para desenvolver esse argumento o texto está dividido em 5 tópicos. No primeiro tópico, descrevemos um breve histórico das festas juninas no Brasil e como as quadrilhas se inserem nessas festas, como são organizadas e produzidas. É apresentada ainda a quadrilha Junina Asa Branca do Sertão. No segundo tópico são discutidos nossos referenciais teóricos com os conceitos de pedagogia, currículo, gênero. No terceiro tópico, definimos nossa compreensão de metodologia e descrevemos os procedimentos metodológicos, é descrito minuciosamente os passos da pesquisa. No quarto tópico discutimos, problematizamos e o currículo do enredo *nem tudo são flores*, defendendo, pois, que o enredo com artefato cultural que constrói novos aprendizados. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO: AS FESTAS JUNINAS E AS QUADRILHAS JUNINAS

Talvez, possamos afirmar que uma das festas mais populares e conhecidas no Nordeste é o São João. Também chamadas de Festas Juninas - dada a temporalidade das festas ser em torno do mês de junho -, famosas pelas suas tradições culturais, cores e músicas. Com suas “diversas brincadeiras, como são chamados os grupos que se apresentam na temporada junina” (Brito, 2021, p.145). O São João constitui-se como uma celebração cultural das tradições nordestinas.

Apesar de, provavelmente, o santo mais festejado ser o São João, comemorado no dia 24 de junho, outros santos integram as festividades: Santo Antônio, no dia 13, e São Pedro, dia 29. Assim, os festejos se estendem por todo mês de junho, quando não marcados por prévias e ressacas para expandir as possibilidades de encontros, que parecem mais não caber em um único mês. Quando se fala de festa junina é comum se pensar em uma festa cheia de cores, músicas com ritmo de forró, comidas típicas da região, fogueiras, chapéu enfeitado com vários adereços e muita alegria.

Cada região do Nordeste realiza as suas manifestações de forma diferente com cores, comidas, adereços e dança que, comumente, remetem ao imaginário campestre, as pessoas aparecem vestidas de roupas coloridas que simbolizam a vida simples do homem e mulheres caipiras. Sendo assim, a festa junina se define por ser uma das grandes manifestações culturais do Brasil. As representações realizadas pela festa junina incorporam várias performances e significados associados à história cultural dos povos indígenas e africanos (Nascimento, 2021).

No Maranhão, a festa é composta por algumas danças como quadrilha, bumba-meu-boi, dança portuguesa, tambor de crioula, cacuriá e forró. Nascimento (2021) ressalta que cada movimento corporal que está empregado nessas danças representa a cultura dos povos africanos e indígenas e cada uma dessas manifestações mostra a importância de investigarmos como essa cultura é produzida.

A festa junina é uma cultura popular, porque é festa do povo para o povo, visibilizando suas memórias, ao mesmo tempo, conta história e produzem histórias, porque ao se fazer presente disputa sentido no presente com as narrativas apresentadas. Essa festa é atualmente uma festa que representa o povo maranhense, que abre as portas todos os anos do seu Estado para que outras pessoas possam prestigiar essa festa cheia de espetáculos, encenação e brilho.

As festas juninas chegaram ao Brasil por intermédio dos portugueses e dos jesuítas durante o processo de colonização, no século XVI, os jesuítas viram na celebração da festa junina como uma maneira de atrair os povos indígenas para o ensino catequistas. Segundo

Nascimento (2021), as mesmas festas que os indígenas faziam eram parecidas com a mesma festa de São João que os portugueses faziam, apresentando símbolos similares, tais como, o fogo, fogueiras, danças e alegrias e rituais da colheita.

Além disso, havia outra similaridade com a cultura dos povos indígenas e africanos: a festa junina acontecia na mesma época do ano em que os povos indígenas realizavam seus rituais da colheita do milho. Ao longo do tempo ganhou espaços e se expandiu em todo território brasileiro. Logo ficou conhecida com uma festa “mais rural e familiar que envolvia apenas comunidade de certa forma simplista” (BRITO,2021, p.146) e não dos grandes salões da burguesia, onde tudo tinha começado, mas continuava com os seus mitos religiosos e profanos, que ainda acontece até hoje.

Deste modo, as festas juninas foram ganhando espaços no meio rural e nordestino e ficando conhecida como uma festa caipira, que celebrava a colheita do milho realizada pelo povo nordestino. Brito (2021) argumenta que as festas foram agregando mais significado na cultura das famílias nordestinas, que tem crescido e se espalhando, pelo mercado cultural do país. De fato, as festas juninas cresceram e foram propagando-se e ficando conhecidas em todo território nacional, sendo também incorporadas pelos calendários escolares. Vale ressaltar que a festa junina foram reconhecidas oficialmente como manifestação da cultura nacional do Brasil, pela Lei n.º 14.555, publicada no Diário Oficial da União. Essa lei é proveniente do projeto de Lei 943/19, que foi aprovado pela Câmara dos Deputados em 2019 e pelo Senado.

A festa junina em todo Maranhão é história e cultura que contribuem para comunidade mostrando os seus diversos significados por suas músicas, por seu enredo, por suas roupas, por suas cores e temas trazidos para, geralmente, dentro do tablado (um palco improvisado feito de madeira que pode ser giratório ou não). Sendo representados também pelas quadrilhas juninas, ou, simplesmente, juninas, como são conhecidas em todo território maranhense. Assim, iremos nos referir dos dois modos a elas ao longo do texto.

Os/as brincantes e quadrilheiros/as têm período de preparação e comprometimento para os ensaios das quadrilhas juninas que se estendem ao longo quase 11 meses de dedicação e criação do enredo, tema, ensaios da coreografia, confecções de figurino e a escolha do casal de noivos. A partir da escolha do tema, enredo e musicalidade da junina, iniciam-se os ensaios, que são reforçados com a chegada do mês de maio, para que tudo esteja ajustado para o mês de junho. Nesse mês se iniciam as festividades junina em todo o maranhão com os festivais regionais, agremiação e arraia das cidades. Esses espaços são os lugares que as

quadrilhas irão fazer sua apresentação para disputar com outras juninas e concorrer prêmios ou troféus pela melhor categoria e figurino, ou seja, pelo melhor enredo e história que vai ser contada pelos, casal de noivos e por todos os integrantes que compõem a quadrilha junina.

O tema é escolhido anualmente pelo grupo e precisa representar algo relevante para o público. Além de provocar alegria e emoção, precisa também trazer críticas sobre as desigualdades sociais ou homenagem a alguém considerado importante. O figurino de cada folião e foliã da quadrilha junina simboliza a dimensão da tradição, todavia representa também a simplicidade da vida na roça, bem coloridas, chamativas, alegres que carregam muita história. A coreografia, por sua vez, é criada conforme o enredo e tema escolhido pela comissão organizadora. No tópico a seguir, descrevemos melhor a quadrilha junina, que um dos seus enredos é analisado neste artigo.

2.1 A Junina Asa Branca do Sertão

Neste artigo, iremos focar na Quadrilha Junina Asa Branca do Sertão. De acordo com Vieira, Santos e Silva (2023, p. 62), essa quadrilha junina é uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos, que foi fundada em 20 de janeiro de 2010, no bairro de São Sebastião, na cidade de Codó, Maranhão, por cidadãos codoenses que conheciam e tinham grande experiência no espaço cultural da junina. Sendo hoje considerada um patrimônio cultural do município de Codó.

Considerando a relevância do tema, que gera também o enredo, buscamos no canal do YouTube os temas que a Junina Asa Branca do Sertão apresentou desde 2014. O tema é escolhido anualmente pela Junina e representa algo que a companhia/agremiação considerou importante visibilizar naquele ano. O que o torna relevante, pois, como a Junina faz várias apresentações, durante esse período o tema ganha notoriedade, podendo gerar discussões e problematizações.

Em 2014 foi apresentado o tema *Vaqueiro nordestino herói do sertão*, que conta a história de um personagem emblemático do sertão, o vaqueiro. Um homem que cuida das criações de gado e rebanho de uma propriedade rural. Reconhecido pelo povo nordestino como poeta pela sua letra de boiadas, herói pela sua coragem de enfrentar a seca e a fome do sertão nordestino. Já 2015, o tema Foi de *mansinho e com amor, invadiu meu coração, no encanto da fogueira um gostinho de paixão*. Neste tema a junina narra a história de um casal de jovens que se conhecem nos festejos do arraiaí da cidade, logo começam a namorar, e esse

namoro se transforma em uma paixão, com o amor quente igual a uma fogueira que precisa de muito fogo para se alimentar para manter as chamas acesas.

No ano de 2016 pode-se localizar outra abordagem, como a história do povo nordestino que luta até hoje pelo direito por suas terras, e querem mostrar para a sociedade que essa luta ainda é presente na vida desse povo. Desse modo, a junina trouxe o seguinte tema para o palco: *Do Nordeste com orgulho pela terra vou lutar, mostrando que o conflito de terra em pleno século XXI ainda é visível*. Nesse tema, o grupo mostra a luta incansável dos familiares nordestinos pelo reconhecimento da titularidade das suas terras. Deixando, assim, visível para a sociedade que até esse conflito está presente na vida do/a cidadão/ã nordestino/a brasileiro/a.

No ano de 2017, a junina traz para o palco uma narrativa sobre racismo. O tema incorpora problematizações que têm sido objeto de discussão de outras instâncias da sociedade no combate a esse preconceito: *Respeite minha cor, sou negro, sim, senhor*. Essa abordagem buscou evidenciar para a população que assiste às apresentações que o racismo no Brasil têm sido e é uma grande problemática desde o período da colonização escravocrata. Por isso, se faz necessário trazer para o palco a história de luta do povo negro, do seu povo para mostrar que se deve, sim, lutar por melhorias direto e igualdade entre todas as raças e etnias.

No ano de 2018, a valorização do Nordeste volta a ser centro das discussões pautadas pelo grupo com o título: *Sou feliz no meu Nordeste, minhas veias têm são joão, tô no sul só de passagem. Vou voltar pro meu sertão*. Nesse ano a quadrilha junina buscou reafirmar para a comunidade maranhense que o povo nordestino são os que mais imigram para outros estados brasileiros em busca de melhoria de vida para sua família.

Em 2019, a Junina Asa Branca do Sertão abordou o tema: *A minha fé*. Apresentou-se como uma perspectiva de grande relevância e importância para comunidade codoense. Cabe ressaltar que Codó/MA é reconhecido por ter sua cultura associada às religiões de matriz africana, mas também há presença de outras religiões. O que buscou-se tornar visível foram as múltiplas religiões que existem neste território. Nesse sentido, a Junina pensou ser relevante afirmar que devemos respeitar às diferentes religiões.

A narrativa do ano de 2022 trouxe o título: *Nem tudo são flores*. Narrou-se a história de várias mulheres que sofrem ou já sofreram qualquer tipo de violência, seja, ela física, psicológica, sexual e verbal etc. Com base neste contexto, a quadrilha junina veio apresentar para o público a história de muitas Marias que a cada quatro horas, é vítima de violência no

maranhão (imirante.com)¹. O enredo mostra a mulher vítima de violência doméstica em busca ajuda ou mesmo denunciar o seu agressor.

No ano de 2023, a junina traz como tema: *Meu divino amor* que trata da mesma temática do ano de 2022. Porém, vem com olhar mais resiliente para a superação de um trauma de um relacionamento abusivo que a personagem Dolores vivenciava. Sendo que a personagem nunca desistiu do amor apesar dos seus traumas. Nessa narrativa Dolores conhece um rapaz chamado Bento que por ironia do destino é devoto dos três santos juninos: Santo Antônio, São Pedro e São João. Esse rapaz com sua paixão e devoção conquistara o coração de Dolores.

A junina talvez tenha percebido a relevância e aderência do tema dentro da comunidade codoense. Assim o grupo vai trazer para os palcos a importância de se combater esse tipo de violência dentro dos lares das famílias que ali sofrem com isso. Ao mesmo tempo, vai retratar sobre os traumas que essas mulheres que são vítimas vão levar ao longo da sua vida. Dessa forma, o enredo ressaltou a necessidade da vítima denunciar o agressor e a necessidade de reconstruir uma nova vida que não tenha nenhum tipo de violência². No tópico a seguir, apresentamos o referencial teórico mobilizado nessa pesquisa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Olha a pedagogia e o currículo na Junina Asa Branca do Sertão! Não é mentira

O conceito de pedagogia é disputado, contestado, compreendido, assim, a partir de diferentes perspectivas, de modos distintos e até mesmo conflituoso. De todo modo, há um investimento para que possamos ampliar a compreensão sobre o que é pedagogia, onde podemos encontrá-la, localizá-la e mostrar seus modos de funcionamento e efeito (Larrosa, 1994; Paraíso, 2010; Libâneo, 2001). Quando Libâneo (2001, p.4), afirma que “atual sociedade é genuinamente pedagógica ao ponto de ser chamada sociedade do conhecimento”, ele visa demonstrar aos/às educadoras que a pedagogia não está circunscrita à educação formal e/ou aos espaços institucionalizados, mas também abrange diversos campos que de

¹ SERRA, Fabiana. A cada 54 horas, Maranhão registrou um caso de violência contra: a mulher em 2022, diz estudo 2023. imirante.com. Disponível em: <<https://imirante.com/noticias/sao-luis/2023/03/06/a-cada-54-horas-maranhao-registrou-um-caso-de-violencia-contra-a-mulher-diz-estudo>>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

² É importante destacar que no ano de 2020 e 2021 não aconteceu a festa junina, por conta da pandemia da COVID-19

alguma forma produzem conhecimento, divulgam saberes e agem educando, tais como: internet, televisão, rádio, vídeos, jogos, brincadeiras, festas populares etc.

A pedagogia é uma área de conhecimento dos processos sociais e dos fenômenos educativos que englobam toda a sociedade. Nesse sentido, “ela não se refere apenas às práticas escolares”, mas sim ao amplo “conjunto de outras práticas” (Libâneo, 2001, p. 6). O espaço do sistema educacional é muito amplo, sendo que a educação ocorre em diferentes espaços, e em múltipla modalidade, tais como nas reuniões de familiar, em grupo de WhatsApp, nas conversas entre amigas, no jogo de futebol e na TV, entre outros espaços que nos rodeia o tempo todo e que nos fazem, de algum modo, aprender com ele.

É importante aproximar o currículo da cultura para conceituar os artefatos como uma ferramenta de produção de conhecimentos, mobilizando a pedagogia cultural e suas relações de poder para analisar artefatos que participam do processo de produção de sujeitos, divulgação de saberes e verdades. De acordo com Fischer (1997), essa nova onda de saberes que antes eram totalmente desconhecidos para a comunidade acadêmica agora são fontes de investigações, indagações e produção de conhecimento. Já que as mídias também produzem discursos através do cinema, nas publicidades, desenhos animados, sendo, pois, suas ferramentas “dispositivos pedagógicos” (Fischer, 1997, p. 60). Com isso, a autora vem investigando que por meio das mídias há também um processo de (re)formulação de conhecimento. A partir de suas pesquisas podemos localizar práticas pedagógicas nas mídias que estão presentes e/ou atravessam os espaços formais destinados à educação, e mostrar que o ato de ensinar pode estar em todas as esferas em que é possível construir conhecimento com a linguagem.

Essa compreensão sobre pedagogia dialoga com um conceito do campo curricular que tem operado com uma perspectiva de currículo correlata a esse de pedagogia defendido por Libâneo (2001). Trata-se do conceito de currículo cultural não escolar (Paraíso, 2010; Oliveira, Frangella, 2022). Esse conceito parte do pressuposto de que “há currículo, onde há pedagogia” (Paraíso, 2010, p. 37). Articula-se aqui a pedagogia e o currículo para fazer análises culturais.

Isso porque “outras instâncias culturais [que não a escola] também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (Silva, 2022, p. 139). Então, tal qual Libâneo (2001) afirmou a respeito da pedagogia, outros/as autores/as irão fazer acerca do currículo para mostrar como essas outras instâncias ensinam, como ensinam, que saberes divulgam e alçam ao signo de verdade. É esse, pois, o investimento dessa pesquisa, que tem

como objetivo analisar um enredo da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão. Compreenderemos que há um currículo em ação, nos modos de funcionamento da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão. Pois são ensinados conhecimentos específicos, a partir de temas que a organização escolhe, selecionados, portanto, dentro possibilidades variadas de temas.

Direcionar os investimentos de pesquisa para essa quadrilha, entendendo-a como portadora de um currículo, é apostar no pressuposto de que “ao mesmo tempo que a cultura em geral é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural”, de modo que “o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural” (Silva, 2020, p. 139). Dessa perspectiva que torna possível a comparação entre os processos escolares e os sistemas culturais extraescolares, como uma quadrilha junina. De maneira que possibilita afirmar que “as instituições e instâncias culturais mais amplas também têm um currículo” (Silva, 2020, p. 139).

Nesse sentido, tendo em vista as “configurações de currículo que estão presente em todos os espaços que têm cultura que são considerando “artefatos culturais” como “máquinas de ensinar” (Paraíso, 2010, p.38), estamos considerando o enredo Nem tudo são flores da Junina Asa Branca do Sertão, como uma, máquinas de ensinar e que, portanto, tem um currículo em funcionamento. Nessa pesquisa, também mobilizamos as narrativas de resistência e gênero no Currículo da Junina Asa Branca do Sertão.

3.2 Olha o gênero na Junina Asa Branca Sertão!

Gênero diz dos processos de produção do homem e da mulher, das masculinidades e feminilidades em uma determinada cultura. A partir dessa compreensão vai se construir uma linguagem própria para análise das problemáticas que produzem hierarquias, divisões e exclusões, a partir das normas generificadas. Desse modo, “gênero será um conceito fundamental” (Louro,1997, p.21) para as análises de como nos constituímos homens e mulheres ao longo da história, e como é possível contestar esse binarismo.

Desta maneira, coloca-se “o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos” (Louro,1997, p.22). Cada discurso produzido pelos “tradicionais arranjos sociais e políticos” (Louro,1997, p.16) revela o quanto o sexo feminino foi privado de direitos, como as mulheres foram sendo fabricadas pela sociedade como um corpo submisso, silenciado e muitas vezes invisível.

Segundo Meyer (2003), gênero anuncia que ao longo da vida e por intermédio de inúmeras instituições e práticas sociais, nos tornamos homens e mulheres. Desse modo, percebemos o quanto o gênero está inteiramente relacionado a (re)produzir homens e mulheres de diferentes modos. A partir dessas múltiplas relações de poder e artefatos culturais que atuam com o gênero produzindo discursos e educando sujeitos para serem de determinados tipos. Nesse sentido, o gênero atua estabelecendo padrões que vão buscando modelar a todos o instante os sujeitos que precisam buscar formas de reconhecimento de si nas invenções criadas sobre o gênero, comumente dividido entre masculino e feminino.

Fazer uma análise de gênero é, portanto, questionar como homens e mulheres são fabricados e significados na sociedade. Gênero não é algo biologicamente dado por natureza e nem tão pouco inato. Ao longo da historicidade e dos processos de formação ele vai sendo produzido, estabelecido, a partir das diferentes relações de poder. Meyer (2003) defende que a partir dos movimentos feministas, que as narrativas da feminilidade se tornaram um vasto campo minado de teorias empíricas para diversas indagações e observações dos efeitos de gênero na sociedade.

Não podemos dissociar as análises de gênero da história, sendo o primeiro uma categoria útil de análise para a segunda (Scott,1995). Assim, gênero está inteiramente ligado às lutas do movimento feminista, que historicamente vem travando batalhas, incansavelmente, contra “a segregação social e política [das mulheres]” (Louro,1997, p.17). Percebe-se como as mulheres foram conduzidas a invisibilidade e silenciamento. Mas mobilizar gênero não é somente para problematizar as normas generificadas e seus efeitos. Mas também como ocorrem as resistências que colocam sobre rascunho e tensão as próprias normas, criando, pois, outras maneiras de viver os gêneros. Por isso, (Lauretis,1994, p.209) traz “a construção de gênero também se faz por meio de sua desconstrução”. Nesse sentido procuraremos mobilizar o conceito de gênero como ferramenta teórica e conceitual para análise do enredo *Nem tudo são flores* da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão.

4. METODOLOGIA

Este trabalho, parte de uma perspectiva metodológica da pesquisa pós-crítica que compreende que a metodologia vai sendo construída ao longo do processo da investigação a partir dos problemas formulados (Paraíso,2012). O modo como perguntamos e vamos construindo nossa pesquisa, permite também “ampliar o vocabulário teórico-metodológico para interrogar os mais variados currículos que investigamos” (Paraíso,2012, p.24). É,

portanto, essa perspectiva que nos possibilita a análise de “diferentes artefatos culturais” (Paraíso, 2012, p.24). Aqui, nós voltamos para um enredo da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão.

Segundo Paraíso (2012), a pesquisa pós-crítica demanda principalmente de engajamentos por parte do/a investigador/a, que precisa mergulhar em outros pensamentos para questionar, problematizar, construir interrogações e desmontar/remontar/montar discurso, pois através dessa multiplicidade de movimento é possível olhar o modo como a pesquisa será realizada.

Considerando que essa perspectiva é composta dos estudos sobre gênero, sexualidade, queer, raça-etnia, multiculturalismo, ela também nos possibilita “descrever processos de diferenciação e de hierarquização social e cultural para problematizar as formas pelas quais tais processos produzem (ou participam da produção de) corpos” (Meyer, 2012, p.50), como também de subjetividades. A partir dessa compreensão formulamos a seguinte questão-problema da pesquisa: *como gênero tem sido produzido no currículo de um enredo da quadrilha junina Asa Branca do Sertão?*

Partindo dessa indagação, foi possível fazer a análise dos vídeos da Junina Asa Branca do Sertão, a partir das lentes de gênero, como categoria útil de análise histórica (Scott, 1995), tentado compreender a narrativa do enredo dessa quadrilha e suas composições musicais. Consideramos gênero como norma que regula e produz “diferentes discursos sobre mulheres e homens; sobre como devemos ser, comportar e fazer esses diferentes discursos” (Paraíso, 2012, p.30). Junto a isso entendemos também que operar metodologicamente com o conceito de gênero não é somente fazer uma análise das formas como operam as normas, mas também como possibilidade de questionamento das normas. Nesse sentido, nessa pesquisa, buscamos desmontar, decompor e desconstruir as normas.

Considerando essa perspectiva, a pesquisa também vai se debruçar sobre a importância dos Estudos Culturais (Paraíso, 2010) que vem trabalhando com os múltiplos discursos dos artefatos culturais presente nos diversos espaços que tem uma pedagogia. Ampliando assim as diferentes formas sobre o modo de ensinar e aprender na contemporaneidade.

Nesse sentido, ao analisar os vídeos com seu enredo e composição musical nos preocupamos em tentar problematizá-los e discuti-los a partir da questão da pesquisa formulada e das lentes de gênero, considerando os Estudos Culturais e a perspectiva aqui adotada. Não havia uma demanda prévia e prescrição de como operar com esses vídeos, agrupá-los ou qualquer outra ação. Fomos trabalhando com eles e constituindo a metodologia

à medida que fomos assistindo. Para ficar mais claro descrevemos a seguir os procedimentos metodológicos. Dessa forma, o enredo analisado nesta pesquisa aparece como artefato cultural que se constitui como um currículo que fabrica saberes que também devem ser investigados e problematizados para ampliar os olhares sobre as pedagogias presentes na cultura.

4.1 Procedimentos Metodológicos

No momento que iniciei³ a pesquisa estava acontecendo o Arraiá do Seu Polícia⁴. Essa era a oportunidade de observar de perto as festas juninas. Neste dia, teve apresentações de quadrilhas juninas, entre elas a Junina Asa Branca do Sertão. A qual tinha como tema: *Meu divino amor*, ano 2023. Ao final da apresentação, fui falar com um dos seus representantes, apresentei-me como aluna da UFMA que estaria fazendo uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso sobre a junina. Perguntei se ele poderia me passar seu contato. Fui prontamente atendida.

Na semana seguinte, entrei em contato com ele, então fui informada que a junina foi fundada em 2010, depois disso só vem crescendo com a sua comunidade. Como cada ano a junina traz uma temática, ultimamente tem procurado abordar sobre a vivência do povo nordestino, maranhense e codoense. Como o período de apresentação estava encerrando, decidi não acompanhar mais a Junina para fins investigativos e descartei a possibilidade de entrevistas, considerando que nem sempre os/as participantes dispõem de tempo. Assim, uma alternativa foi fazer a pesquisa a partir dos vídeos disponibilizados pela Junina em seu canal do YouTube.

Essa pesquisa está dividida em duas etapas. A primeira etapa da pesquisa buscamos mapear as temáticas abordadas pela companhia. Junto a isso apontamos também o tempo de duração e uma breve sinopse do enredo do ano em questão. A segunda etapa da pesquisa consistiu em descrever os enredos mobilizados em cada ano, bem como as músicas que estavam compondo esses enredos. Esse processo foi uma tarefa complexa, que exigiu investimento de tempo, paciência e ser detalhista. Muitos vídeos apresentavam ruídos externos, vozes, outras, música e ecos, o que dificultava o trabalho analítico. Como o foco desse artigo será apenas a análise do enredo do ano de 2022, apenas descreveremos aqui com mais detalhes a segunda etapa referente a esse ano.

³ Especificamente nesse momento do texto utilizaremos a primeira pessoa do singular, pois diz de um momento da pesquisa feita pela primeira autora do texto.

⁴O arraiá do seu polícia e uma festa junina que acontece todos os anos no Batalhão da Polícia Militar de Codó (MA).

O vídeo de 2014 tem o seguinte tema: *Vaqueiro nordestino, herói do sertão*. Este vídeo tem a duração de 30:38(trinta minutos e trinta e oito segundos). O tema narra a história de uma figura simbólica para cultura nordestina que é o vaqueiro. Neste vídeo é possível encontrar o tema em uma faixa no início da apresentação da junina. Já o vídeo do ano de 2015 que tem como tema: *Foi de mansinho e com amor, invadiu meu coração, no encanto da fogueira um gostinho de paixão*. Este vídeo tem o tempo de 29:35(vinte e nove minutos e trinta e cinco segundos). A narrativa do tema apresenta a história de um casal de jovens que se conhecem nas festas juninas da cidade, e logo começam a namorar. O tema do vídeo é de fácil acesso, sendo que está na descrição do vídeo.

O vídeo do ano de 2016 tem o seguinte tema: *Do Nordeste com orgulho pela terra vou lutar, mostrando que o conflito de terra em pleno século XXI ainda é visível*. Este vídeo tem o tempo de 28:23 (vinte e oito minutos e vinte e três segundos). Esse tema pretendeu mostrar os conflitos das posses de terra. Nesse vídeo foi tranquilo achar o tema, pois o tema já estava na descrição do vídeo. Para vídeo de 2017, o tema foi: *Respeite a minha cor, sou negro, sim, senhor*. Esse vídeo é bem curto. Tem a duração de 6:43 (seis minutos e quarenta e três segundos). Nesse vídeo, o tema foi localizado numa faixa que aparece durante a apresentação, atrás dos foliões que dançam na junina. O vídeo de 2018 traz o tema: *Sou feliz no meu Nordeste. Minhas veias São João. Tô no sul só de passagem, vou voltar pro meu sertão*. O tempo de duração do vídeo é de 28:50 (vinte e oito minutos e cinquenta segundos). Este vídeo foi gravado em uma etapa regional do campeonato de quadrilha junina. Então o tema é mostrado logo na abertura do vídeo. Também está em uma faixa que a quadrilha expôs no fundo da apresentação.

No vídeo do ano de 2019, podemos encontrar o tema: *A minha fé*. Este vídeo tem o tempo de duração de 30:16 (trinta minutos e dezesseis segundos). Se inicia com abertura de uma música de São Jorge, o tema aparece na descrição do vídeo. Tendo em vista a pandemia de Covid-19, não houve apresentação da junina nos anos de 2020 e 2021. Assim, foi dada continuidade a pesquisa a partir do ano de 2022. Nesse ano, a quadrilha junina mobiliza o seguinte tema: *Nem tudo são flores*. Também explícito na descrição do vídeo. O vídeo tem o tempo de duração de 28:02 (vinte e oito minutos e dois segundos)

Iniciando a segunda etapa da pesquisa, comecei a fazer a descrição minuciosa do vídeo de 2022, assisti ao vídeo mais três vezes antes de começar o processo da escrita do enredo. Esse processo de assistir mais de uma vez o mesmo vídeo foi muito necessário, pois precisava entender o que realmente eu iria transcrever para o caderno. E assim, ter uma compreensão

melhor do enredo que o locutor do grupo narra através da sua fala emblemática. Para começar, escrita do enredo desse vídeo usei uma plataforma (TransCripitor) que é possível colocar o áudio do vídeo e logo depois o áudio é transcrito, mas há um empecilho aqui, pois a plataforma é paga. E nem todo conteúdo era transcrito. Sendo assim, eu consegui metade das letras do enredo. E depois desse processo fui em busca da outra parte do enredo.

Assim, fui ouvindo um breve trecho do vídeo e, anotava no caderno, ouvia novamente um breve trecho do vídeo e anotava no caderno, fiz esse processo diversas vezes para conseguir escrever todo o enredo do ano de 2022. Esse processo é muito minucioso, pois requer muito cuidado e atenção. Principalmente quando o narrador está contando a história do enredo, há a voz do locutor e as músicas entram em cena também por isso é preciso muita atenção. Neste processo foi bem produtivo, pois o áudio do vídeo do ano de 2022 está bem limpo, peguei cada quinze minutos do vídeo e ia ouvindo pouco a pouco e anotando no caderno até conseguir fazer todo o processo de escrita do enredo. Esse procedimento aconteceu no período de 13 a 19 de agosto de 2023, durando assim uma semana.

Terminado esse momento passei para a etapa seguinte: o procedimento da escrita das músicas. Busquei ouvir novamente o vídeo da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão do ano de 2022 no canal do YouTube, mas agora o meu olhar era para as músicas escolhidas para acompanhar o enredo desse ano. Desta forma, eu acessava outra janela do canal do YouTube para procurar a música e sua letra. Depois, anotava no caderno o nome da música e o nome do compositor da música e, logo após, salvava o link da música em uma pasta no *drive*. E em seguida fazia uma busca da letra no Google e salvava novamente em outra pasta no *drive*, assim prosseguia a minha busca. Nas músicas também tive dificuldade porque a Junina em algumas, parte do vídeo só coloca o refrão da música e depois juntam outro refrão de outra música e assim constroem toda a musicalidade do vídeo. E assim foi indo até achar todas as músicas do vídeo de 2022. A realização de toda essa etapa se deu a partir do dia 20 de agosto de 2023, e teve final no dia 28 de agosto de 2023.

A partir do próximo tópico apresentamos as análises do currículo do enredo *Nem tudo são flores* a partir dos aportes das teorias pós-críticas de currículo e dos estudos de gênero.

5. O ENREDO COM ARTEFATO CULTURAL QUE ENSINA

São múltiplas as definições de *enredo* encontradas no dicionário. Ele pode ser compreendido como os principais acontecimentos e ações de uma determinada narrativa, em

formato literário e midiático variado; afirmações proferidas com a finalidade de contar uma versão sobre algo; expressão para designar algo embaraçoso vivido; episódio que não tem solução imediata; é também entendido como um tecido embaraçado como o da rede e/ou a própria ação de enredar, de prender em rede. Neste texto, estamos tomando como enredo a primeira definição. Mais especificamente o enredo da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão (2022), *Nem tudo são flores*, mas outras manifestações culturais apresentam um enredo para contar uma história, para buscar apresentar uma versão de verdade sobre algo. Como, por exemplo, os enredos das escolas de samba no carnaval.

O autor Júlio César Valente Ferreira faz uma problematização das questões étnico-raciais no debate sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro. A crítica apontada pelo autor é de que há “presença de elementos do ‘mundo negro’ nos enredos apresentados, possibilitando afirmar que a ‘saída pelo cultural’ foi o único passo dado com relação às questões étnico-raciais nestas agremiações” (Ferreira, 2020, p. 81). Já a autora Maria Luiza Freitas Marques do Nascimento (2021, p. 141) afirma que o “samba-enredo carrega grande contribuição daqueles/as que vieram da África e ressignificaram ao longo de séculos suas danças, batuques e cantos”. Ela ainda defende que as canções “tornam-se educativas na medida em que projetam a afirmação da etnia negra no Brasil, contributo necessário para a educação das relações étnico-raciais na escola” (Nascimento, 2021, p. 134). Em outro investimento analítico, aqui sobre o samba-enredo da Mangueira do ano de 2019, afirma-se “o samba-enredo da Mangueira nos faz pensar contra espaços no currículo, necessários para a afirmação da vida e para o alargamento de possíveis nos territórios curriculares” (Oliveira, Ferrari, Char, 2021, p. 634).

Esses enredos têm sido foco de análises, pois apresentam uma abordagem e produz significados sobre a cultura e os conhecimentos, tornando-se um artefato constituído por relações de poder. A criação e elaboração das narrativas que compõem o enredo vêm ganhando visibilidade na contemporaneidade, principalmente quando evidenciam processos de resistência, mostrando outras versões que a História não tem contado. Demarcam, por exemplo, as resistências do povo negro frente ao histórico de racismo na sociedade, deixando à vista diversos marcadores sociais com temáticas para questionar as normas de gêneros e a violência contra mulheres⁵, entre outros (Nascimento, 2021; Oliveira, Ferrari, Char, 2021).

⁵ Como o samba-enredo da Mangueira, 2015: <https://www.lettras.mus.br/sambas/mangueira-samba-enredo-2015/> “Agora chegou a vez vou cantar, mulher brasileira em primeiro lugar”.

Nesta pesquisa, mobilizarmos o enredo da quadrilha junina Asa Branca do Sertão (2022), que recebeu o título: *Nem tudo são flores*. A trama trata de dois personagens que recontam e reproduzem os comportamentos, roteiro e papel esperado para homens e mulheres em uma sociedade normativa. A narrativa conta a história de Dolores e Dório. Evidenciando como os romances heterossexuais ainda são permeados por uma cultura de violência machista que incide no controle do corpo e desejo femininos. A importância de associar esse enredo com os sambas-enredo, além de lançar nosso olhar sobre o pedagógico nesses artefatos culturais, é considerar que “a arte faz parte da mesma cultura que produz, reproduz e mantém os gêneros” (Morais, 2017, p. 16). Então, partindo do entendimento que gênero não é uma categoria fixa e dada pela cultura, portanto, nunca pronto, mas em permanente construção, podemos perguntar: como: *gênero tem sido produzido com o enredo da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão?*

A narrativa, no nosso entendimento, não somente faz parte da disputa por verdade, ao visibilizar uma narrativa de gênero dissidente, pois, ensina como enfrentar a violência de gênero, mas traz questionamentos que devem ser feitos em uma sociedade como a nossa. Os enredos, não deixam de fora tramas, fantasias e intrigas, e isso é feito mostrando outras concepções e reflexões, destacando, por exemplo, como que podemos construir outras formas e modos de ser meninas e meninos, mulheres e homens: dando destaque para vozes feministas que desejam provocar fissuras na sociedade patriarcal.

Em *Nem tudo são flores*, a Junina Asa Branca do Sertão (2022), apresenta a história de dois jovens, a noiva Dolores e o noivo Dório, pela mãe e pelo padre. Dolores é uma jovem solteira, que vende flores na praça para ajudar a família. É nessa praça que ela conhece um rapaz chamado Dório que lhe oferece ajuda. Dolores logo se apaixona pelo rapaz e chega a dizer que ele é algo divino: “nesse mundo cruel você foi um anjo que caiu do céu”.

Dório, querendo estreitar os laços com a jovem, afirma: “você é mulher pra casar”. O apoio da família vem com a mesma rapidez, já que sua mãe argumenta da sorte da filha e associa a chegada do homem a um presente divino. No entanto, Dolores apresenta suas primeiras preocupações e fica apreensiva argumentando que não conhece nada sobre o amado. Logo é interrompida com o desejo de sua mãe, pois parece ser uma forma deles mudarem de vida. A mãe de Dolores argumenta, na sua narrativa, o seu desejo, interrompendo assim as decisões da sua filha. Impondo sobre Dolores os papéis e padrões tradicionais exigidos sobre a mulher, que influenciam nas suas tomadas decisões sobre sua própria vida. Colocando-a como submissa, no qual deve seguir prescrições que são colocadas sobre o seu corpo.

Logo após o casamento, começam os atritos entre eles, brigas e confusões. No decorrer da narrativa, podemos perceber que as ações dos dois refletem e contemplam os estereótipos da mulher frágil, romântica e delicada e do homem como o perfil forte, valente que cuida da esposa, padrão esse que são reiterados historicamente em outras narrativas de romance heterossexual. Comumente espalhados em filmes, romances e outros artefatos culturais como música e literatura.

Então esse casal se depara com fortes atritos que evidenciam elementos da cultura patriarcal. Assim, a figura masculina, representada nessa narrativa pelo Dório, é apresentada como certo poderio que incide na produção de medos e inseguranças na figura feminina, Dolores. No começo da contextualização da história, deixa-se evidente as diferentes narrativas de regulação de comportamento, pelo simples fato de ser mulher ou homem. Em diálogo com essa afirmação, no decorrer do fragmento a seguir, pode-se observar uma atitude machista de Dório sobre sua esposa:

DÓRIO:

- Dolores o que pensa que está fazendo? Esqueceu que agora você é uma mulher casada agora?

DOLORES:

- Como assim? Estou vendendo minhas flores. Você esqueceu que me conheceu vendendo flores e agora quer me impedir?

DÓRIO:

- Não quero saber de nada, mulher minha tem que ficar em casa, eu lhe proíbo de vender flores, mulher minha não vai ficar expostas na rua para olhares dos outros.

Dório é caracterizado nessa narrativa como um ser de poder, portanto, um homem que concebe a mulher submissa ao marido. Assim, ele mobiliza uma visão que lugar de mulher é em casa e cuidando do marido e da família, que é o homem o provedor da família, e somente ele tem a liberdade e o direito de sair e trabalhar, impondo à sua esposa uma narrativa do que as mulheres devem ou não fazer.

Produz-se com isso uma hierarquia entre homens e mulheres. Essa hierarquia expõe um discurso normativo de gênero que constitui a mulher como um sexo frágil e limitado, demandando que Dolores deve seguir as normas de gênero e ser, portanto, submissa ao seu marido, ser posse do seu marido. Dório diz, por exemplo, que mulher tem que ficar em casa cuidando dele. Diante da fala do personagem percebe-se que há dominação masculina sobre o corpo feminino, reiterando as normas de gêneros ao dizer quais papéis a mulher pode exercer na sociedade.

De acordo com (Louro,1997, p.22), “papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus

comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar”. A autora argumenta que podemos perceber o quanto a sociedade impõe regras sobre a mulher, deixando-a sufocada. As normas são mobilizadas para reiterar o que seria adequado para meninas e meninos. A repetição desses papéis é o que garante a produção do gênero no interior de uma dada sociedade. O questionamento dessas repetições, por sua vez, é o que mostra o caráter arbitrário e inventado dessas normas, e, logo, a possibilidade de resistência. Ou seja, a criação de outros modos de vida.

Na narrativa do currículo em análise, podemos ver que Dório impõe regras sobre Dolores, coagindo-a à submissão de seguir os seus modos de vida, anseios e desejos, pelo simples fato dela ser mulher, prescrevendo, assim, normas e limites. Dessa forma, fica evidente como há desigualdade e hierarquias entre Dório e Dolores justificadas pelo primeiro apenas de acordo com o gênero.

Durante muito tempo, os movimentos feministas e as estudiosas como Louro (2003) e Neves (2010) vêm pesquisando e possibilitando outras investigações sobre os processos de subalternização das mulheres. As narrativas construídas sobre mulheres e feminilidades, associando-as com fragilidade, que mulher não deve se envolver em trabalhar construídos como propriamente masculinos, podem ser desconstruídas. Podemos fazer alguns questionamentos para refletirmos, acerca destes trabalhos que seria adequado para as mulheres: será que obrigação da mulher cuidar da casa? Por quais motivos, mulheres casadas não podem trabalhar? Quais são esses serviços que mulher não pode fazer? Por que serviço doméstico é coisa exclusiva de mulher? Por que uma mulher ao casar precisa ser submissa ao esposo?

São esses os questionamentos que podemos elaborar a partir dos discursos e narrativas ensinadas no currículo investigado, pois, Dolores, é uma mulher forte e de atitude, que gosta de trabalhar vendendo suas flores, e ganhar o seu próprio dinheiro, porém o seu marido a busca impedir de fazer esse trabalho, impondo assim regras sobre os seus comportamentos. A ação do marido é uma tentativa de deixar Dolores ainda mais vulnerável e dependente dele. Uma relação de dependência é algo que pode dificultar a saída de mulheres de relações abusivas e de violência, pois a mulher vê no marido a única solução para sua sobrevivência. Por outro lado, a crescente participação feminina no “mercado de trabalho e a ampliação do nível de instrução favorecem a autonomia e a independência das mulheres diante dos homens e, conseqüentemente, uma revisão no sistema de autoridade dos grupos domésticos” (Machado e

Barros, 2009, p. 370). Nesse sentido, podemos inferir que o investimento de Dório é manter o poder sobre Dolores ao impedir que ela trabalhe.

Durante muito tempo buscou-se reiterar a narrativa de que o âmbito privado era próprio da mulher, pois isso fortalecia os privilégios masculinos. Dório não quer abrir mão do privilégio a ele designado de ter alguém sobre seus domínios, fazendo o que ele quer, como ele quer, por isso, reitera as normas de gênero ao dizer: “lugar de mulher e em casa cuidando do lar”. Mesmo que essa frase venha sendo contestada historicamente, ela pode nos ajudar a refletir sobre os efeitos do discurso machista em nossa sociedade responsável pelas desigualdades de gênero no espaço de trabalho. De acordo com Martins, Luz e Carvalho (2010, p.1)

Os movimentos feministas questionaram a divisão binária de gênero, possibilitaram a conquista do direito ao trabalho profissional, alteraram a concepção de trabalho masculino e feminino e contribuíram para que as mulheres não somente trabalhassem fora do espaço privado, como também ocupassem cargos nos mais diferentes campos profissionais (Martins, Luz e Carvalho 2010, p.1)

As pesquisadoras movimentam a perspectiva analítica de gênero para mostrar o reconhecimento do trabalho profissional, nesse sentido, agora as mulheres serão reconhecidas por outra habilidade que não seja o trabalho doméstico que antes era conferido como “obrigação única das mulheres”, (Martins, Luz, Carvalho, 2010, p.1). Ainda assim, as mulheres continuam sendo maioria em realizar as atividades domésticas.

Então percebe que a cultura patriarcalista persiste. Dessa forma, é necessário discutir como os sujeitos se apropriam de certas narrativas para estabelecer hierarquia e diferenças nas atividades que serão realizadas pelas pessoas de acordo com seu gênero, e assim normas vão sendo reiteradas.

Apesar dos avanços, podemos mencionar ainda a falta de equiparação salarial entre homens e mulheres. O reconhecimento profissional é menor em relação ao dos homens. “Continua a persistir a desigualdade dos rendimentos femininos diante dos masculinos. As mulheres ganham menos que os homens, independentemente do setor de atividades em que estão inseridas” (Neves, 2006, p.9). (2006) salienta o quanto as mulheres são ainda subalternizadas no mercado de trabalho.

Podemos ainda destacar aqui a pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), a qual aponta que o salário da mulher brasileira em 2022 chegou, na

‘média’ 78% menos que homem, sendo que ambos trabalham na mesma função⁶. A realidade mostra que a feminilidade está presente e inserida no ambiente empregatício. Porém, Neves (2010) expressa que os serviços destinados às mulheres na indústria muitas vezes são classificados como “inserção excluída” quando se coloca as mulheres em posições inferiores, como baixos salários, com ocupação de menor valor. Desta maneira podemos analisar a grande camada de desigualdade entre os serviços prestado pelo sexo feminino, expondo assim a dominação de gêneros sobre a feminilidade.

No entanto, mesmo com muitas conquistas, ainda há paradigmas a serem contestados. No qual, “as mulheres não têm o mesmo acesso às mesmas profissões que os homens, estão limitadas a um número restrito de atividades” (Hirata, 2018, p.17) Dessa forma, nota-se que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott,1995, p.21). Em outras palavras, os sexos masculinos e feminino são dotados de diferentes relações de poder que constroem distintas relações de poder. Para isso, segundo Meyer (2003, p.16), expõe que:

São os modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se reconhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai construir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em determinado momento histórico. (Meyer, 2003, p. 16)

A autora argumenta, de maneira geral, como são construídos os sujeitos em uma determinada comunidade. Muitas pesquisadoras continuam procuram problematizar como é feita essa caracterização que reproduz desigualdade de gêneros, entre diversos indivíduos que se representam em distintas etnias e raças.

A discussão do cenário desigual entre homens e mulheres têm possibilitado algumas mudanças. Como a criação da nova lei, aprovada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, de Brasília e sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei de número 14.611/23, que visa assegurar igualdade salarial entre homens e mulheres que trabalham na mesma função. É importante frisar também que a lei n. °14.611/23 vem trazendo algumas

⁶ BRASIL, IBGE. Censo Demográfico. 2023. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?edicao=39270>>. Acesso em 24 de maio de 2024.

modificações nas normas da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT que no caso de descumprimento das regras as empresas serão penalizadas com multas (BRASIL,2023).

Os sujeitos são produzidos em meio a diversas práticas culturais que vão ensinando-os como ser homem e ser mulher. Até esse momento da narrativa, podemos ir acompanhando como no currículo investigado o personagem de Dório é um estereótipo de um homem machista, que carrega as marcas da masculinidade normativa, concebendo à mulher o lugar de subalternidade e inferioridade, que não têm e não conhece seus direitos.

Como vimos, o discurso machista é atravessado pela categoria do trabalho. Pois é destituído da personagem feminina o direito e liberdade de trabalhar ter seu próprio dinheiro. A narrativa inicialmente apresentada não é algo isolado do currículo investigado, mas faz parte de um processo histórico de subalternização da mulher pelo trabalho. Mostramos nesse tópico também como esse processo têm efeitos até hoje, mesmo com grandes modificações ocasionadas pela luta dos movimentos feministas, as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade ainda é uma realidade. Além disso, os casos de violência contra mulher são ainda ampliados e sustentados quando a mulher pode ter menos liberdade de contestar e sair desse cenário. Nesse sentido, o currículo do enredo da Junina Asa Branca do Sertão mobiliza questionamentos e debates importantes para a sociedade ao abordar e visibilizar um tema sensível, mas necessário.

Na sequência desse tópico, buscamos evidenciar a partir da cena em destaque do currículo do enredo da quadrilha Junina Asa Branca do Sertão pode desencadear uma série de debates. Isso foi feito aqui mobilizando gênero como uma categoria analítica e percebendo como esse enredo, como um artefato cultural dotado de pedagogia, pode nos ensinar sobre como vamos nos constituindo como homens e mulheres na sociedade.

Na sequência, iremos analisar outros momentos da Junina Asa Branca do Sertão que vem incorporando algumas músicas ao enredo para podermos nos aprofundar como são realizadas as desigualdades de gêneros. Sendo assim a junina apresenta a música de Simone e Simaria - Amor que dói como ferramenta para complementar o enredo e instaurar outras reflexões:

5.1 Amor que dói: violência doméstica em cena

Mesmo vivendo tanta coisa errada
Um pesadelo que não tinha fim
Sempre era assim
E essa rosa agora não adianta nada
Mais uma vez sua desculpa não apaga
As marcas dessa dor

Que você deixou

Eu não calo a minha voz
Se for preciso vou gritar por todas nós
Eu vou deixar meu coração falar
Saber que eu me amo e não vou me calar
Se atinge uma
Atinge todo mundo
Machuca uma
Machuca todo mundo
Você não tá sozinha não,
Então por que não tira sua voz do mundo?

As três estrofes foram retiradas da música *Amor que dói*, da então dupla sertaneja Simone e Simaria. A música representa milhares de mulheres que lutam contra a violência de gênero que impactam suas vidas, interferindo de maneira negativa as relações interpessoais, afetivas e sociais. Mesmo aparecendo na narrativa do currículo aqui analisado e nessa música que compõe a narrativa, esse não é um caso isolado. É algo presente na história de muitas mulheres. Quando aparece no trecho musical “se atinge a uma, atinge todas”, mostra-se como essa realidade é abrangente, mas também que esse é um problema social, que precisa ser enfrentado e debatido. A cultura patriarcal por muito tempo foi sustentada pelo silenciamento dessas questões, dizendo que os problemas familiares deveriam ficar circunscrito ao ambiente doméstico.

Quando é exclamado que não se suporta mais ser silenciada, abre-se também uma convocação para que outras mulheres tornem visível suas dores, exatamente porque é um grito coletivo. Nesse sentido, a letra da música demanda que as mulheres que sofrem “violência de gênero” não fiquem em silêncio, mas tensionem e enfrentem a cultura patriarcal. A letra da música diz: “por muito tempo eu fiquei calada”, talvez por medo, vergonha e culpa de ser discriminada pelas marcas culturais que muitas mulheres são submetidas. O que parece acentuar o “pesadelo” entoado na música, causando assim ainda muita “dor”.

Ao analisar as normas generificadas através das marcas que elas deixam é preciso refletirmos sobre como elas são colocadas sobre os nossos corpos. Segundo Louro (1997) ao longo da história as mulheres foram excluídas da produção dos discursos, o que prejudicou a criação de suas próprias narrativas e que por isso até hoje “enfrentam muitas dificuldades para se impor” (Louro, 1997, p.18). A autora salienta que as mulheres ainda são alvo do silenciamento. Aproximando-se da história de Dolores que também luta para ser ouvida pela sociedade, tentando desconstruir esses moldes que lhe foram dados como natural.

Na segunda e terceira estrofes da música fica evidente o quanto a música é mobilizada para inspirar mulheres a ser dona dos seus próprios roteiros. Para isso, elas precisam denunciar os abusos que vêm sofrendo e as situações de vulnerabilidade. A música deixa claro que não se trata de uma situação isolada, mas é algo que faz parte da realidade de muitas outras mulheres, por isso, trata-se de um problema de gênero que precisa ser amplamente debatido e não silenciado.

O silenciamento desse problema significa que ele continuará se reiterando em outros lares, a discussão e a transformação nesse problema em uma questão de política pública vêm tensionar a vinculação da violência doméstica ao ambiente privado, a algo que se refere apenas ao casal. Quando essa música aparece vinculada ao enredo, o currículo investigado ensina que esse problema é um problema de todos e todas e devemos, sim, visibilizar e discutir sobre isso. Instaure-se aqui perguntas como: *Quais os efeitos da violência doméstica na sociedade? O que podemos fazer com esse problema? Quais possíveis soluções? Por que não devemos silenciar?*

Ainda se ensina que as mulheres podem se apoiar e buscar suporte umas nas outras contra a violência de gênero. Busca-se dar voz para elas falarem “que lugar de mulher e onde ela quiser” que através da sua voz podem denunciar a violência de gênero. Esse problema recorrente na sociedade em que estamos inseridas/os e expostas/os a todos os momentos. Assim, se faz necessário que Dolores ecoe a voz para todo mundo, fazendo que as pessoas ouçam que é preciso denunciar atos de violência de qualquer natureza que tragam consequências negativas para uma mulher, demonstrando para o mundo que elas não estão sozinhas.

O intuito da música, “*amor que dói*”, nos chama a atenção para algo muito importante, a história de muitas mulheres que passam por “invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos” (Louro, 1997, p.17). Com isso, percebe-se em certo que mulheres corajosas enfrentam discurso diversos, mas não deixará de mudar sua história. Sendo assim, Louro (1997) afirma que há muito tempo as mulheres não querem ser silenciadas. Para isso, elas

[...] levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz àquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaço acadêmico, falaram do cotidiano, da família da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos (Louro, 1997, p.19).

As mulheres batalharam muito para serem ouvidas, que por muito tempo eram vistas como pessoas neutras. Elas abriram suas narrativas para expor que também está presente na

história. O enredo aparece como artefato cultural que ensina as pessoas a compreenderem as histórias de resistência às normas que são dirigidas às mulheres. Assim, o enredo é uma ferramenta tecnológica que contribui para novas histórias e aprendizado. Libâneo (2001), argumenta que há práticas pedagógicas em todos os lugares. A partir desse pensamento podemos compreender a importância de analisarmos dos enredos da junina como ferramentas de construção de conhecimentos/saberes, significados que ensinam comportamentos, hábitos, valores e procedimentos considerados adequados.

Portanto, a Junina Asa Branca Sertão vem trazer à tona as vozes de mulheres corajosas que se recusam a seguir esses padrões controladores. Na última parte do enredo que vamos analisar agora vão surgir marcas de resistência, motivação e coragem da personagem Dolores mobilizadas para enfrentar os obstáculos que aparecem pelas suas rotas. Nessa perspectiva, vamos nos referenciar com outra parte do enredo que faz articulação com o nosso objeto de pesquisa que podemos observar a seguir:

Dolores aparece chorando.
Dolores: Alô é da polícia
Policial: Sim! Polícia Militar.
Dolores: Oi.
Policial: Alô pode falar
Dolores: O meu marido tava me espancando.
Policial: Quem?
Dolores: Meu marido!
Policial: Seu marido?
Dolores: Eu consegui correr, estou toda machucada
Policial: que você fez pra ele te bater
Policial: Foi ela que pediu
Policial: E mulher de malandro
Policial: Mulher tem que se dá o respeito

Esse triste trecho é encenado pela Junina Asa Branca do Sertão. A personagem Dolores vem por meio do enredo representar diversas mulheres maranhenses que são vítimas de violência de gênero, ou seja, “violência sofrida pelas mulheres pelo fato de serem mulheres, em relações desiguais de poder na sociedade” (Terra, Oliveira, Schraiber, 2015, p.109). Dessa maneira, há de certo modo um reconhecimento no currículo analisado de que a “violência doméstica contra a mulher é um problema reconhecido, de alta magnitude e consequências” (Terra, Oliveira, Schraiber, 2015, p.109). Percebemos como a desigualdade de gênero é uma problemática bastante recorrente, na vida de muitas mulheres.

Nessa narrativa, pode-se observar o quanto as mulheres se privam de sair das “rotas crítica” (Terra, Oliveira, Schraiber, 2015). Entendidas aqui como um caminho percorrido pelas vítimas de violência que tentam sair do ciclo de violência, pois muitas vezes as

mulheres trilham essas rotas sem perspectiva de encontrar uma saída, ou encontrando muita dificuldade para isso. Há muitos obstáculos sofrido pelas mulheres para sair desta rota, a vergonha, medo, opressão do companheiro e da família e falta de apoio do poder público, a burocratização do atendimento, como podemos ver na narrativa com a falta de agilidade do policial. Desencadeando assim, a dificuldade de minimizar e enfrentar esse ciclo de violência de gênero, porque quando a mulher não tem acesso ou tem dificuldade de encontrar apoio, ela se mantém nesse ciclo de violência. A importância e urgência da Junina trazer essa temática para discussão podem ser justificadas pelos dados que apresentamos a seguir.

Maranhão é o segundo Estado do Nordeste que tem maiores registros de casos de violência de gênero. Segundo a pesquisa da ⁷Rede de Observatórios da Segurança e a Coordenação das Delegacias Especiais da Mulher, foram registrados em maio de 2023 cerca de 12.745 casos de violência doméstica no Estado do Maranhão. Já em 2022 foram 39.164 casos de violência doméstica. Assim, fica evidente a desigualdade de gênero, dificultando cada vez mais a garantia dos direitos das mulheres, direitos esses foram conquistados a partir de muitas lutas dos movimentos feministas.

O enredo menciona também na sua estrofe a lei Maria da Penha que aos longos dos anos vem sendo modificada para ganhar mais rigor ao combate à violência contra mulher e familiar. A Lei de nº 11.340/2006 foi sancionada no ano de 2006, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa foi uma grande conquista do movimento feminista. Ao retomar a fala Dolores percebemos na sua atitude que ao ligar para a polícia se defronta com as diversas narrativas preconceituosas “que você fez pra ele te bater”; “Foi ela que pediu”; “Mulher tem que se dá o respeito” “E mulher de malandro”. Observa-se como as normas são reiteradas e coloca a mulher submissa ao homem, fazendo incidir a culpa sobre a mulher.

Desse modo, pode ser observado quantas batalhas foram travadas nas narrativas de muitas mulheres que buscam enfrentar as normas de gênero. Dolores é uma delas que não fica em silêncio, mas precisa buscar forças para construir suas resistências. Essa típica cena presente em muitos lares brasileiros anuncia a importância de se procurar problematizar o conceito de gênero, para podermos conhecer realmente com foram construídos regras e comportamentos sobre os nossos corpos. Dolores nos faz uma provocação através do tema do enredo da junina: Será que tudo são flores?

⁷ PORTAL, G1-MA . Ma é o 2º estado do Nordeste em agressões e tentativas de feminicídio.2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/07/28/ma-e-o-2o-estado-do-nordeste-em-agressoes-e-tentativas-de-feminicidios.ghtml>>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

A personagem Dolores demonstrará também a sua coragem em enfrentar seu medo e vergonha, revelando a sua força, dando voz a muitas “Dolores” que estão espalhadas nos 217 municípios que complementam o Estado do Maranhão. Quando Dolores revela na sua narrativa a sua “coragem”, então aqui podemos perceber sua força em resistir a essa cultura violência de gêneros que vem cada vez mais crescendo na sociedade. Com isso a personagem foge dos comportamentos, manifesta a importante luta dos movimentos feministas em “tornar visível aquela que fora ocultada” (Louro,1997, p.17)

O currículo aqui analisado parece, portanto, partir do pressuposto de que “a violência doméstica de gênero não é um problema individual dela (ou do agressor)” (Terra, Oliveira, Schraiber,2015, p.111), mais de toda uma sociedade. Percebe-se que mesmo que os estudos sobre violência de gênero tenham avançado, as pesquisadoras feministas ainda precisam desconstruir paradigmas que continuam a dizer “que em briga de marido e mulher neguem mete a colher”. Mas Dolores reafirma que se faz necessário colocamos sim a colher nesta briga para possibilitar novos caminhos e desenvolver outra narrativa que interrompa essa lógica de gênero.

A história de Dolores se encerra com a prisão de Dório, sendo assim, reitera a presença da Lei Maria da Penha que está entrelaçada no enredo da Junina Asa Branca do Sertão. Com isto Dolores confirma a importância da lei para o amparo das vítimas de violência para que assim possamos romper com esse ciclo de desigualdade. A partir de então a personagem começará outra vida sem violência e nova conquista e realizações de sonhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, buscou-se analisar o enredo da Junina Asa Branca do Sertão como um currículo cultural que mobiliza as questões de gênero para evidenciar os problemas sociais que afetam a vida de muitas mulheres. As relações de gênero são acionadas para mostrar como o machismo e subalternização feminina são produzidas cultural e socialmente e, por isso, podemos enfrentá-las. A narrativa do currículo investigado traz para o centro de uma das principais festas do país e com forte apelo popular um tema que precisa discutido amplamente com resistência, criatividade e afeto.

Mesmo que o enredo do currículo investigado finalize com a prisão do agressor, gostaríamos de levantar um questionamento: será que a punição é a única forma de

enfrentamento ao problema social da violência de gênero? Por que essa tem sido a solução apontada em muitos veículos midiáticos e até mesmo legislativo?

Pensamos que uma forma de enfrentamento passa também pela educação, isto é, pelo investimento na produção de outros tipos de sujeitos, outras feminilidades e masculinidades. Por isso mesmo, é imprescindível que os currículos escolares e não escolares (com a quadrilha junina) debatam, discutam, abordem amplamente como as normas de gênero são produzidas, como podemos inventar outros modos de existir não pautados nessas violências que são, sim, ensinadas. Pois, desde pequenos/as aprendemos em diferentes espaços educativos como constituir meninos machos, que tem poder sobre si, sobre o corpo feminino, que tem vantagens sobre as mulheres, que eles quem deve ocupar os espaços públicos. As mulheres, por sua vez, aprendem como ser submissas, a não enfrentar as violências, a ser silenciada. Nesse sentido, são essas aprendizagens que precisam ser tensionadas, questionadas, problematizadas.

O currículo do enredo da Junina Asa Branca do Sertão ensina as mulheres a buscarem outras formas de relacionamentos, a resistir e procurar outras formas de relacionamentos e não ficar em posições subalternas. Faz isso ainda instaurando temáticas importantes e condizentes com a realidade social do Maranhão, colocando, pois, “a colher” em um problema social de maior relevância. Muitas vezes silenciado nos currículos escolares.

Nesse sentido, os enredos e as músicas são artefatos culturais que podem possibilitar criar novas rotas de pensamentos, invocando a necessidade de fazermos questionamentos sobre como o gênero continua sendo (re)produzido. Sendo assim, permitido às meninas e mulheres a construírem outras histórias, narrativas, indagações e concepção de qual história querem contar. Não podemos, pois, perder de vista as discussões de gênero como quem perde um balão que vai subindo no céu, essas discussões devem estar vivas e ardentes tal qual as fogueiras de São João.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, IBGE. Censo Demográfico. 2023. Disponível em: <
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?edicao=39270>>. Acesso em 24 de maio de 2024.

BRITO, Fábio Holanda de. Dinâmicas culturais e territoriais: festa junina e etnografia em São Luís do Maranhão. **Cultura e dinâmicas territoriais**, p. 143. 2021.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Perspectiva**, v. 33, n. 2, p. 843 – 862, 2015.

CUNHA, Marlecio Maknamara da Silva. **Currículo, gênero e nordestinidade** :o que ensina o forró eletrônico? Tese Doutorado em Educação Programa de Pós- Graduação em Conhecimento e Inclusão Social.UFMG.2011.

FERREIRA. Júlio César Valente. Problematização das questões étnico-raciais no debate sobre as escolas de samba do Rio de Janeiro. In:Ferreira, Júlio César Valente(org.). **Festa e memória: perspectivas étnico-raciais**. São Paulo: Pimenta Cultura,2020.183p

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, v. 2, 1997.

HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Revista Trabalho necessário**. v. 16, n.º 29, p. 14-27, 2018.

LAURETIS, Teresa de. Tendências e impasses. **A tecnologia do gênero**, 1994.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vil odre. **Corpo e sexualidade**: um debate contemporâneo. (org.).9. ed. Petrópolis–RJ: Vozes,2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em Revista**, n. 17, p. 153 – 176, 2001.

MELO, Liana de Queiroz. “**Na minha quadrilha só tem gente que brilha**”: corporalidades dissidentes e direitos humanos nas quadrilhas juninas do Recife/PE. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

MEYER, Dagmar, Estermann. Gênero e educação: teoria e política. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação, v. 2, p. 9-27, 2003.

MARTINS, Conceição Garcia; DA LUZ, Nanci Stancki; DE CARVALHO, Marília Gomes. Relações de gênero no trabalho doméstico. **Fazendo Gênero**, v. 9, p. 1-10, 2010.

MACHADO, Maria das Dores Campos; BARROS, myriam Lins de. Gênero, geração e classe: uma discussão sobre mulheres das camadas médias e populares do Rio de Janeiro. **Revista Estudos Feministas**, v.17, p.369-658,2021.

MORAIS, Maria Eugenia Bonocore. **Performatividade de gênero em o primeiro homem mau, de Miranda July**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. PUCRS.2017.

NEVES, Magda Almeida de. Trabalho e gênero: permanências e desafios. **Sociedade e cultura**, v. 9, n. 2, p. 257-265, 2006.

NASCIMENTO, Franc-Lane Sousa Carvalho do. História, interculturalidade e a valorização social e educacional do festejo junino maranhense. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 26, n. 2, p. 01-15, 2021.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de; FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Currículos culturais não escolares: sobre um campo em constante expansão, invenção, criação para afirmação da vida. **Série- Estudos**, v.27, n. 61, p. 3-12, 2022.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de; FERRARI, Anderson; CHAR, Carla. “A história que a história não conta”: heterotopias de um samba-enredo no currículo. **Revista e-Curriculum**, v.19, n.2, p.634-658,2021.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Lazer em estudo: currículo e formação profissional. Campinas, SP: Tapirus: Coleção fazer/ lazer, 2010.

PORTAL, G1-MA. Ma é o 2º estado do Nordeste em agressões e tentativas de feminicídio.2023. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ma/maranhão/noticia/2023/07/28/ma-e-o-2o-estado-do-nordeste-em-agressoes-e-tentativas-de-femicidios.ghtml>>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n.2 (jul/dez.1995), p.71-99,1995.

SERRA, Fabiana. A cada 54 horas, Maranhão registrou um caso de violência contra: a mulher em 2022, diz estudo.2023.imirante.com. Disponível em:<<https://imirante.com/noticias/sao-luis/2023/03/06/a-cada-54-horas-maranhao-registrou-u-m-caso-de-violencia-contr-a-mulher-diz-estudo>>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

SENADO Notícias. A festa junina são reconhecidas como manifestação da cultura brasileira. Da Agência Senado. /2023. Disponível em:<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/04/26/festas-juninas-sao-reconhecidas-como-manifestacao-da-cultura-brasileira>>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

TERRA, Maria Fernanda; D'OLIVEIRA, Ana Flávia, Pires Lucas; SCHRAIBER, Lilia, Blima. Medo e vergonha como barreiras para superar a violência doméstica de gênero. Athenea Digital: **Revista de pensamiento e investigación social**, v. 15, n. 3, p. 109-125, 2015.

VIEIRA, Daniela de Abreu; DOS, SANTOS, Joane Karla Fontes; DA, Silva, Livia Cecília Mesquita. FESTIVIDADES/RELIGIÕES CODOENSES festejar com fé. In. Cristiane Dias Martins da Costa; Danilo Araujo de Oliveira. (org.) **Encantar-se pelas culturas de Codó (MA)**. 1aed.: São Carlos: Pedro & João. 2023, v.1, p.1-152.